

Pânico, pane ... um divã para a queda

Luciana Cartocci

Certos pacientes se autodiagnosticam como sofrendo de síndrome do pânico: como as noções winnicottianas de falha na relação mãe-bebê e de *holding* podem ajudar a compreender a formação deste sintoma?

“Cool em sua maneira de fazer e de ser, liberado da culpabilidade moral, o indivíduo narcisista é, no entanto, propenso a angústia e ansiedade. O drama é mais profundo que o pretense de ser cool: homens e mulheres seguem aspirando à intensidade emocional das relações privilegiadas, mas quanto mais forte é a expectativa mais raro parece tornar-se o milagre fusional, ou em todo caso, mais breve... Porque não posso amar e vibrar?”

Gilles Lipovetsky, *A Era do Vazio*

Várias abordagens em psicanálise têm sido publicadas sobre o fenômeno clínico atualmente chamado de Síndrome do Pânico. Algumas se baseiam nos desenvolvimentos recentes em psicossomática, levando em consideração especialmente os aspectos econômicos do funcionamento psíquico; outras se atêm mais à teoria das neuroses - situando-a em relação às fobias; outras partem, num aporte laciano, das conseqüências de o ser humano ser marcado pela linguagem. A noção de desamparo tem sido

especialmente útil na clínica com estes pacientes, permeando de modo geral os diversos ângulos em que este tema tem sido pensado. Partindo da experiência com alguns pacientes que chegam ao consultório com o auto-diagnóstico de Síndrome do Pânico e auxiliada/inspirada pela clínica winnicottiana gostaria de compartilhar algumas questões e reflexões que vêm me intrigando.

Luciana Cartocci é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e membro do Laboratório de Estudos da Transicionalidade (PUC/SP). A autora agradece a Maria Lúcia Calderoni e a Rosely Pennacchi pela leitura atenta e minuciosa.

Como se dá a formação deste tipo de sintoma?

É possível pensá-lo à luz da própria constituição do psiquismo? Ou, ao contrário, ampliar a compreensão que podemos ter do psiquismo através desta formação?

Seria a Síndrome do Pânico um produto exclusivo de nossa cultura?

Pânico, pane, queda são palavras que descrevem as sensações vividas, corporalmente mesmo, por estes pacientes. São também palavras-imagens. Pane e queda formam um imaginário que poderia nos dar algumas pistas de por onde trafegar: são palavras que falam da ausência de chão, de continência, de *holding*. Remetem à falência de uma construção simbólica que, ao menos aparentemente, sustenta o sujeito, colocando-o frente aquilo que ele pensava saber. Na crise há um desmoronamento de todas as explicações sobre si mesmo e sobre o mundo que o circunda. Construção em falso que desaba.

Assim que chegam ao consultório tudo sobre o qual estes pacientes conseguem falar é sobre o horror do que vêm vivendo, horror muitas vezes já minimizado pelo uso de medicação. São sintomas que, em linha geral, seguem um padrão já bem descrito pela psiquiatria, descrição esta que se encontra bastante disponível inclusive na mídia. Esta divulgação permite uma identificação com outros que sofrem do mesmo "mal" e dessa maneira pode propiciar algum alívio.¹ No entanto, só isto não é suficiente para permitir que a pessoa entre em contato com o que lhe é próprio, podendo, inclusive, dificultar este caminho, colocando o "mal" como algo que vem de fora do psiquismo e que não pode ser nele incluído por ser de outra ordem, isto é, da ordem puramente fisiológica. A vivência desses pacientes é de uma quebra absurda na sua "normalidade", e a existência de um nome dado pela medicina para estes sintomas é vivida, de início, como algo protetor a essa quebra. Acredito que estes

pacientes venham e permaneçam em análise porque este mesmo "absurdo" lhes abre uma porta para o desejo e necessidade de saber mais sobre si mesmos. A descrição dos sintomas ou a explicação fisiológica a esse respeito pouco acrescenta quanto a compreensão tão buscada do que se passa consigo próprio. Saber/compre-

quece (*que alguém está louco ou esteve*), *que se morre*. É como se, num átimo, o sujeito pudesse ver algo sobre si mesmo mas que em seguida, ofuscado, os olhos se fechassem: que a verdade não se encara assim frente a frente de uma só vez, que ela tem mil faces. *Seria um insight se isso que é visto fosse suportável.*

Na crise, característica da síndrome do pânico, há um desmoronamento de todas as explicações sobre si mesmo e sobre o mundo que o circunda.

ensão que é tido como aquilo que possibilitará reconstruir a auto-imagem e dominar a emoção do terror. É claro que existem aqueles para os quais o aporte da psiquiatria é suficiente para conter sua angústia e ali estacionam, mas estes não chegam aos nossos consultórios...

Lentamente, depois de descreverem sessões a fio suas vivências, começa a emergir a história de vida dessas pessoas. E então vemos que a assim chamada crise de pânico aparece ligada a uma percepção, um vislumbre de algo a respeito das condições em que se está vivendo. É uma verdade sobre a própria vida que se apresenta, ou, às vezes, mais que isso, uma verdade sobre a vida, sobre a condição humana, uma verdade dolorida: *que se está só, que se enlou-*

Entre este vislumbre e a crise propriamente dita, com todos seus sintomas característicos, o que acontece? Talvez haja apenas a explosão direta da angústia. O que havia aflorado na consciência fica, então, vagando em meio a angústia, numa espécie de recusa², esperando ligação, perdido em meio aos escombros da crise, aguardando ser resgatado e, finalmente, formulado. *Isto*, esta percepção muda, ainda que possa vir como uma frase ou uma imagem, vem como algo novo, algo que não estava reprimido, apesar de poder ter estado sempre lá, dissociado, congelado, recusado.

A crise, parece-me, advém portanto não de um retorno do reprimido, como já foi bem explicitado por outros autores, mas de algo - não

exatamente um fato, mas uma percepção - novo e dolorido que se apresenta e que então ... bate de frente com o nada, ecoando no corpo, como num sino. Uma percepção que não cai numa rede de significações e que deixa a própria pessoa em vertigem.

São pacientes que em tudo levam uma vida dita normal: trabalham, relacionam-se, passeiam... Sim, mas Henrique me faz pensar na crise mais como um surto que como uma fobia...(ele usa de um excesso de projeções, idealizações, concretudes). Henrique passou, quando da primeira crise, três dias trancado em casa,

estruturação deste sujeito que não é novo. Freud nos falava, em "Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada Neurose de Angústia"³, de uma "insuficiência psíquica em consequência da qual surgem os processos somáticos anormais", que são muito mais susceptíveis de aparecerem frente a dificuldades atuais. Esta insuficiência psíquica, este vazio de imagens, representações, pode estar encoberta por formações defensivas, falsamente estruturantes. É este vazio que se atualiza (num sintoma exclusivamente neurótico se

impressão em momento traumático, paralisa a função do princípio do prazer e confere à situação de perigo a sua importância. E, sendo assim as coisas, podendo esses enigmas serem solucionados tão prosaicamente, pergunta-se por que não seria possível que momentos traumáticos semelhantes surjam na vida mental sem referência a hipotéticas situações de perigo - momentos traumáticos, pois, nos quais a angústia não é despertada como sinal, mas sim gerada de novo, por um motivo novo"... "(No entanto), não posso ver como objetar contra a existência de uma dupla origem da angústia - uma, como consequência direta do momento traumático, e a outra, como sinal que ameaça com uma repetição de um tal momento."⁴

Winnicott se referirá a questão da "insuficiência psíquica" e daquilo que é traumático a partir de outro ângulo, colocando-os em termos da relação da mãe com seu bebê.

A idéia básica, desenvolvida por Winnicott no surpreendente artigo "O Medo do Colapso" é a de que, no início da vida do bebê, quando da formação do *self*, pode suceder algo que ele ainda não é capaz, por si só, de suportar e registrar e que permanece (o psiquismo) ali congelado à espera de uma situação de confiança para poder, então, ser vivido. Nas palavras de Winnicott, "nesse contexto especial (da situação de congelamento), 'o inconsciente' quer dizer que a integração do ego não é capaz de abranger algo - o ego é imaturo demais para reunir todos os fenômenos dentro da área de onipotência pessoal."⁵ O inconsciente aqui, para ele, refere-se à existência de um campo psíquico não simbolizado que não é da ordem do reprimido. O momento em que pode se dar o congelamento é aquele em que o bebê e a mãe ainda não se distinguem. O bebê é o meio e encontra-se em absoluta dependência do que está a sua volta. Falhas no processo de constituição e integração do ego estão intimamente relacionadas ao que a mãe

A verdade que a ele se impusera, assim como num relâmpago, era a da morte do pai.

sem reconhecer-se nem no espelho nem no mundo quando olhava pela janela e pensava em pular, vivendo o mais completo terror. Sem que se desse conta, a verdade que a ele se impusera, assim num relâmpago, era a da morte, morte de seu pai. Este acontecimento, ocorrido anos antes, lhe vem agora como percepção insuportável e tem, por isso, valor de trauma: surge nele o medo intenso e insuportável de morrer.

Mas voltando à formação do sintoma, porque não pensar, como Freud, num *après-coup*. Se por um lado, como foi afirmado acima, se trata de algo novo que se apresenta ao sujeito, não correspondendo a formação clássica do sintoma neurótico, por outro há algo aí, na própria

ressignificaria) na crise de pânico. Em breve, Winnicott virá em auxílio com a noção de congelamento, por enquanto seguindo Freud um pouco mais...

Traumático: aquilo que é incontrolável, nascimento: o novo. Freud, nas *Novas Conferências*, esclarece que "O essencial no nascimento, assim como em toda situação de perigo, é que ele imprime à experiência mental um estado de excitação marcadamente intensa, que é sentida como desprazer e que não é possível dominar descarregando-a. Um estado desse tipo, ante o qual os esforços do princípio do prazer malogram, chamemo-lo de traumático."... "é apenas a magnitude da soma de excitação que transforma uma

pode ou não proporcionar, desde os cuidados corporais mais básicos, em toda sua materialidade (texturas, temperaturas, consistências...) até sua capacidade de sonhar. A extensão, a intensidade, deste campo que equivale a uma zona congelada, tem a ver com a relação da mãe-ambiente com o bebê e o quanto ela poderá lhe fornecer *holding* ao longo do tempo, fundando um espaço continente para que o bebê possa vir realmente a experimentar e simbolizar suas vivências. Winnicott estudou detalhadamente os cuidados maternos, definindo também outras funções para um ambiente facilitador, entre elas a apresentação de objetos, o manejo e a lição de objetos; destaco aqui a função de *holding* por acreditar que se encontra especialmente relacionada aos sintomas em questão.

Existe em cada ser um potencial que apenas na relação com o mundo (para o bebê o mundo é a mãe) poderá ser presentificado. Falhas de adaptação do meio às necessidades do bebê, como, por exemplo, o desrespeito ao seu ritmo próprio, quando se dão no momento da dependência absoluta, são sentidas como invasões que provocam interrupções na continuidade de ser.⁶ O desamparo que então será vivido no futuro, na análise por exemplo, na verdade já se deu, porém num momento em que “o bebê ainda não estava lá” para vivê-lo.

A contribuição de Winnicott é bastante interessante por associar a idéia de colapso (como fracasso de uma organização de defesa contra o caos subjacente) à noção de meio ambiente, isto é, àquilo que acontece em torno da pessoa e que pode contribuir para que se dê o congelamento ou descongelamento de um campo do psiquismo.

O traumático, o invasivo, refere-se a falhas na maternagem, o que não quer dizer um excesso de estímulos externos das mais variadas ordens, mas algo que falta ao meio em termos do cuidado quanto à emer-

gência daquele ser. Traumatizante é a reação frente a essa “insuficiência psíquica” do meio/mundo/mãe.

A vivência desses pacientes nos momentos de crise é de total desamparo, algo de maneira alguma representado e que nem poderia, pois que já não seria mais desamparo...é algo vivido completamente no corpo, ten-

A vivência da pessoa, nos momentos de crise, é de total desamparo, como o colapso descrito por Winnicott.

so, inerte... Henrique fica crispado, a musculatura rígida, só consegue ficar deitado; Sérgio, outro paciente, sente o coração explodir em mil badaladas, as mãos trêmulas, dores no estômago.

Esta espécie de repetição, que Winnicott prefere chamar de descongelamento não se refere a uma resignificação, pois não se trata de algo já representado. Uma experiência fica congelada para ser vivida depois, e quando, finalmente, ela se *apresenta*, vem ao sujeito como algo inteiramente novo e um tanto descaído, algo novo porque de fato ainda não fora vivido. É claro que Henrique sabia da morte de seu pai mas ainda não podia reconhecê-la e fazer o luto de tudo o que esta percepção lhe traria, para além, inclusive, da morte de seu pai.

Pode-se dizer, com Freud mesmo, que o desamparo é anterior à castração (e posteriormente ressignificado por ela): não é a angústia despertada pela percepção de que a mãe não tem tudo, que lhe falta algo valioso, mas, sim, a angústia referente a uma mãe que ainda nem é um outro e que, na sua falta, é a morte.

Os escritores sempre sabem dizer melhor estas coisas. Clarice Lispector em *A Descoberta do Mundo*: “A água secou na boca. A mosca bate no vidro. O sono do menino é raiado de claridade e calor, o sono vibra no ar. Até que, em pesadelo súbito, uma das palavras que ele aprendeu lhe ocorre: ele estremece violentamente, abre os olhos. E para seu terror vê apenas isto: o vazio quente e claro do ar, sem mãe. O que ele pensa estoura em choro pela casa toda. Enquanto chora vai se reconhecendo, transformando-se naquele que a mãe reconhecerá. Quase desfalece em soluços, com urgência tem que se transformar em alguma coisa que pode ser vista e ouvida senão ele ficará só, tem que se transformar em compreensível senão ninguém o compreenderá, senão ninguém irá para seu silêncio ...”

“Até que o ruído familiar entra pela porta e o menino, mudo de interesse pelo que o poder de um menino provoca, pára de chorar: mãe. Mãe é não morrer”.⁷

O mundo-ambiente está para mãe-ambiente: na ausência do *holding*, o sujeito sucumbe ao novo, na sua presença, surge a possibilidade da descoberta.

Parece-me que quando se dá a crise são momentos em que o externo/o meio, ao modo do ego materno quando da primeiríssima infância, não está lá como suporte deste corpo (*holding*) que sente coisas que não tem como abarcar. Sérgio, aquele que sente o coração explodir, tem sua primeira crise quando nascem duas filhas gêmeas, ocorrem problemas no trabalho e há ameaça de desemprego. O que mais chama a mi-

Na adolescência e na vida adulta, é o ambiente social que fará mais diretamente o papel de suporte, desempenhado no início da vida pela mãe e pelo ambiente.

nha atenção neste paciente, como também em Henrique, são as dores no corpo, fortíssimas, na musculatura: Henrique fica crispado, Sérgio não se mexe de dor. Como diz o poeta: "nascer deve ser tão frio como na hora da morte".⁸ Não seriam estes músculos rígidos uma resposta ao medo de cair para sempre? A ansiedade, a vertigem e a sensação de estar caindo, ligadas às falhas do cuidado materno, estão associadas, entre outros fenômenos, "ao sentimento de que o centro de gravidade da consciência é transferido do cerne para a superfície"⁹, do indivíduo para o meio. É do mundo que estes pacientes se queixam, e toda sua atenção está voltada, nos momentos de crise, para seus sentidos. Sentidos que ficam alertas às sensações do corpo, vividos como exterioridade, e aos estímulos do mundo a sua volta. Henrique pula, assustado, quando o ônibus buzina estridentemente na janela do consultório.

É a mãe-ambiente que fornece os elementos necessários para a organização do *self*, e é por meio dessa relação que irá se constituir inicialmente um campo de ilusão que mais tarde se transformará num espaço potencial, transicional. Este espaço potencial cria condições para a ex-

periência cultural, permite o viver criativo e o sentido de ser. Em relação a este processo Winnicott se permite uma analogia, que ele chama de "louca" e que reproduzo, em parte, aqui: "Nos estágios mais iniciais, encontramos uma total fusão do indivíduo ao seu ambiente, descrita pela expressão narcisismo primário. Existe um estágio intermediário importantíssimo entre este último e o do relacionamento interpessoal, sobre o qual podemos dizer: entre a mãe que está segurando fisicamente o bebê e o bebê existe algo que é preciso reconhecer, e que consiste ao mesmo tempo num aspecto da mãe e num aspecto do bebê". Quando da vida uterina "é possível dizer que entre a mãe e o bebê há um conjunto de substâncias, que são absolutamente necessárias até o momento da separação (que do ponto de vista físico seriam a placenta, o líquido amniótico, etc.). Esse conjunto de substâncias será perdido tanto pela mãe quanto pelo bebê ... Empreguei a palavra loucura, e o fiz de propósito, porque na teoria do desenvolvimento do ser humano há uma dupla reivindicação sobre esta substância intermediária, que se localiza entre o narcisismo primário e a relação objetal. Após o nascimento do bebê,

essa substância, que tanto une quanto separa, passa a ser representada por objetos e fenômenos sobre os quais se pode dizer, novamente, que ao mesmo tempo que eles são parte do bebê eles são parte do ambiente... na verdade, um remanescente dessa substância intermediária continuará existindo na vida cultural dos homens e mulheres adultos, justamente ali onde se encontra aquilo que mais claramente distingue os seres humanos dos animais..."¹⁰

Principalmente na adolescência e na vida adulta é o ambiente social que fará mais diretamente o papel de suporte, uma vez exercido pela mãe-ambiente, para as novas transformações e organizações do *self*. Fará este papel, assim como a mãe-ambiente, suficientemente bem ou não. Pode haver falhas que venham a produzir sintomas (pânico, bulimia, adições consumistas?) como uma reação à impossibilidade de ser. Com seus ideais imperativos de velocidade, beleza, massificação, consumo e tantos outros, a sociedade atual faz com que o sujeito tenha, em muitos momentos, que se haver sozinho com sua própria e permanentemente constituição. Isto é gritante na adolescência, que pode ser entendida, a própria adolescência, como um produto social da ausência de determinados recursos simbólicos de nossa cultura.¹¹

O pânico, nesta hipótese, tem a ver com as percepções que incidem em áreas congeladas, refere-se àquelas áreas que não puderam ser exploradas na relação com o outro. Cada cultura abarca, propicia diferentes possibilidades de experimentar e simbolizar acontecimentos da vida. Num mundo absurdamente mutante, muitas culturas não são capazes de sustentar o sujeito o tempo necessário para que se dê a elaboração e simbolização de vivências que se renovam constantemente. Ao contrário, acabam por não fornecerem *holding* para que num segundo momento se dê a simbolização. Este suporte na vida adulta já não se dá ex-

clusivamente, fundamentalmente através do corpo mas, por exemplo, através de costumes, objetos e rituais do cotidiano que circunscrevem formas e tempos do viver.

As falhas ambientais pela vida afora poderiam não só reproduzir e desencadear processos de angústia mas também provocá-los. Aqui se abre um outro mundo de considerações.

No decorrer da vida, as instituições (o trabalho, o casamento, o grupo de amigos, num sentido, mas também enquanto conjunto organizado de pessoas num determinado local, com funções, atividades, etc...) irão cumprir esta função transicional, mantenedora da subjetividade.¹² Quando o espelho do mundo - não o da alienação narcísica mas o do reconhecimento, mundo espelho que se antecipa e fornece uma imagem integrada em que o sujeito se reconhece e se apoia - não está mais lá, o sujeito acaba por sucumbir. O espelho está vazio, ou repleto de fâlicas imagens *falso-self*. Henrique: o terrível é acordar de manhã, olhar na janela e não se reconhecer no mundo.

Criamos um mundo em que perceber, conviver com determinados fatos e idéias, como morte, solidão, vazio, pode ser insuportável. Um mundo que oferece pouquíssimos *holdings*. Observo que estes pacientes estão constantemente desconfiados: para um, o horror a que alguém lhe minta; para outro o medo da inveja por ser tão bem sucedido... A desconfiança por tamanho sucesso encobriria a falta real de investimento materno, um sucesso construído sem lastro? A mãe de Henrique, por exemplo, é o protótipo de indivíduo narciso - que - acha - feio - o - que - não - é -espelho. São pacientes "megalômanos", estressados, ambiciosos, vão ao limite de suas forças, nesse sentido são quase perversos! Não podem falhar jamais, jamais mostrar algum sinal de fragilidade ou dependência. Carregam consigo, apesar de tudo estar indo muito bem até

a primeira crise, a sensação de que algo está faltando, de insatisfação, de ausência de um sentido mais profundo para seus desejos, de futilidade e distanciamento. Vivem sem as ilusões que nos fazem criar o mundo e pertencer a ele. E então, é aí mesmo, no seu desprendimento em relação aos outros, ao mundo, que lhes é puxado o tapete - o pânico os leva totalmente a nocaute e à imobilidade frente a qualquer situação que os ponha

engendra, constitui um certo modelo de subjetivação? Constituição esta, em nossa cultura, de um narcisismo sempre precário, sempre em luto, um narcisismo ligado, em nossa cultura, a ideais de auto suficiência e "pudor sentimental".¹⁴ Tanto Henrique como Sérgio se orgulham de "se terem feito sozinhos", ambos perderam o pai no início da adolescência, ambos enfrentaram crises financeiras e as superaram. Só que com Henrique a

Criamos um mundo em que conviver com determinados fatos e idéias, como a morte, a solidão, o vazio, pode ser

mais diretamente em contato com o mundo... O desamparo é do próprio superego que abandona completamente as características de protetor e parte direto para o ataque de todas as aquisições, ligações.¹³

Podemos assim considerar que a sociedade moderna cria situações que possibilitam quebras narcísicas mais incisivas - mas as fissuras internas já estavam lá, devido a história pessoal de cada um. Podemos, inclusive ir mais além nestas reflexões, pois como dissociar esta história pessoal da História? História pessoal que se dá imersa, constituída no mesmo caldo da cultura, ou como diz Winnicott, indissociada do meio ambiente? Não poderíamos, afinal, dizer que inconsciente e cultura são feitos da mesma substância? Que cada cultura, em cada época, dá forma,

primeira crise vem com o sucesso depois de grandes dificuldades, a auto suficiência se confirma e a solidão também. Henrique passa então a ser o protótipo do cara auto suficiente: responde o tempo todo ao desejo materno de ser aquele que dará conta de tudo e bancará todas as contas. E de fato consegue, e é socialmente aplaudido por isso, o que lhe é terrível - pois está preso a esse desejo que, por realizar, não consegue se safar. Vai, então, se colocando missões cada vez mais impossíveis, numa necessidade terrível de ser reconhecido como objeto de amor. Amor que, apesar de ele ser "o príncipe", não se deu, uma falta de investimento real de sua mãe, o que poderia lhe dar o sentimento de realidade e limite de que tanto se queixa não ter e que lhe vem como vertigem, como que-

da, como afastamento do mundo. A morte de seu pai o coloca frente a frente com o fato de que o lugar de mãe também está vazio! Mas aquilo do que realmente se queixa é do mundo!

Desde a morte do pai Henrique resolveu tornar-se um erudito. Saber tudo. Saber tudo da vida e da morte. Como poder controlar o acaso? Tendo de tudo um controle obsessivo. Inteligente, saber tornou-se para ele objetivo de vida - um modo de contornar, primeiro, a angústia de morte; e a falta, a angústia de castração que a ela se sobrepõe nas camadas,

ções são sempre em falso, são sempre construções a partir de uma situação de desamparo. Porque algumas construções são mais sólidas que outras? Talvez menos pelo seu conteúdo e mais pelo amálgama que é utilizado, da quantidade de amor-ligação que vem se sobrepor ao desamparo inicial. Assim este campo psíquico inconsciente, porém não reprimido, presente desde o nascimento, pode ir se transformando durante a vida. Este campo que é contido e preenchido inicialmente de acordo com a relação mãe-bebê, permanece sempre em aberto, se con-

imagem do indivíduo sozinho trancado em seu carro na hora do trânsito. O resultado é o desamparo, a solidão. O tapete que é arrancado é o chão comum tecido pela humanidade, que só pode se realizar na partilha. ■

NOTAS

1. Por outro lado, esta divulgação acaba também por ser um modelo proposto para o adoecer; modelo que ao mesmo tempo em que reflete os valores de nossa cultura, nossa sociedade, revela flagrantemente suas falhas.
2. Laplanche e Pontallis em seu *Vocabulário de Psicanálise*, no verbete Recusa, esclarecem: "modo de defesa que consiste numa recusa do indivíduo de reconhecer a realidade de uma percepção traumatizante"... "na medida em que a recusa inside na realidade exterior; Freud vê nela, em oposição ao recalçamento, o primeiro momento da psicose"... "recusa em atribuir um sentido ao que foi percebido..." , é neste sentido aqui descrito que uso o termo.
3. S. Freud, "Sobre os critérios para destacar da neurastenia uma síndrome particular intitulada Neurose de Angústia", in Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud, vol.III, Rio de Janeiro, Imago, 1976.
4. S.Freud, Conferência XXXII: "Ansiedade e Vida Pulsional", *op.cit.*, p.117-119.
5. D. Winnicott, "O Medo do Colapso", in *Explorações Psicanalíticas*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1994, p 73.
6. L.Cartocci e M.M. Franco, "Winnicott: Contribuições de uma Clínica para a Atualidade", *Percursos* no. 18, São Paulo, 1997, p.8.
7. C.Lispector, "O Menino a Bico-de-Pena", in *A Descoberta do Mundo*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1994, p. 257.
8. Quando fui procurar a letra da música de Gilberto Gil, encontrei algo diferente do que eu havia escrito. Decidi manter a minha versão. O original, da música "Aqui e Agora", é : "morrer deve ser tão frio como na hora do parto".
9. D. Winnicott, "Ansiedade associada à insegurança", in *Da Pediatria a Psicanálise*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1993, p 207.
10. D. Winnicott, *A Natureza Humana*, Rio de Janeiro, Imago, 1990, p.177-178. Os parêntesis são meus.
11. Sobre este trabalho exercido na mais completa solidão pelo adolescente, ver artigo de Ruffino, no livro *Adolescência - Abordagem Psicanalítica*, São Paulo, EPU, 1993.
12. Parodiando Winnicott, no que ele se refere ao *self*, poderíamos pensar nas instituições, ao menos em parte, como lugar de repouso, espaço onde se pode ser. Moldura, que quando se altera, nas sessões analíticas por exemplo, produz efeitos desestabilizadores.
13. Superego que, sabemos, forma-se à imagem e semelhança dos pais, enchendo-se do mesmo conteúdo, tornando-se o representante da tradição e de todos os juízos de valor que subsistem assim através das gerações.
14. Expressão de G. Lipovetsky: "A sentimentalidade sofreu o mesmo destino que a morte; torna-se incômodo exibir os próprios afetos, declarar ardentemente o fogo íntimo, chorar, manifestar com demasiada ênfase os impulsos internos. Tal como a morte, a sentimentalidade tornou-se embaraçosa; é preciso ser-se digno em matéria de afeto, quer dizer: discreto." Felizmente, acrescenta ele, não foi a sentimentalidade que morreu, mas os signos de sua expressão. (*A Era do Vazio*, Lisboa, Gallimard, 1983, p.73).

O pânico pode ser entendido como um dos efeitos do individualismo exacerbado da vida pós-moderna.

dissociadas, de seu desenvolvimento. Henrique gostaria de ser um vampiro à *la Lestat*: devorar conhecimento e provar da morte em vida para dela poder saber. Chega a ter medo que a vontade de saber o mate. É o desejo de saber que o leva à análise.

Voltando às contribuições que Winnicott nos traz em "O Medo do Colapso", podemos tomar a idéia de que há um momento em que um "eu" não está ainda presente para poder de fato viver determinadas situações e em que ocorrem congelamentos, como fazendo parte de nossa constituição. Não nascemos todos sós e "sem estarmos lá ainda"? As constru-

gelandos e descongelandos, se elaborando na relação sujeito - mundo/ambiente. Numa cultura onde prevalece a noção de indivíduo, há um campo relacional que permanece de fora. Neste sentido, cabe pensar a Síndrome do Pânico como doença moderna, ainda que fenomenologicamente a crise de angústia não seja moderna...

O pânico pode ser entendido, a partir deste ponto de vista, como um dos efeitos do individualismo exacerbado da vida pós-moderna: um *eu* enclausurado, egoísta, defendido - que se afasta do mundo, do outro e o teme. Teme deixar de ser um *eu*. A